

Introdução

O presente estudo pouco se relaciona com minha proposta inicial de mestrado, exceto pelo fato de pensar diálogos entre as culturas nativas brasileiras e o Design, temática pela qual tenho me interessado desde meu projeto de conclusão de curso.

Em 2003, ao fim de minha Graduação em Design pela PUC-Rio, desenvolvi como projeto de conclusão um estudo, apresentado na forma de animação, em que procurei compreender o processo de formação dos padrões gráficos dos Asurini do Xingu.¹ Ao longo do projeto, pude me familiarizar com uma série de pesquisas sobre diferentes culturas indígenas brasileiras, que foram me entusiasmando e sensibilizando tanto pela riqueza do tema, quanto pela maneira como ele é ainda pouco explorado dentro do campo do Design. A partir deste envolvimento, resolvi dar continuidade ao estudo deste tema, embora com um novo enfoque.

No momento de meu ingresso no programa de Pós-Graduação do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, em 2005, minha proposta era investigar a produção da Arte Nativa Aplicada, uma loja paulista que recrutou designers para trabalhar a temática indígena em suas peças. Buscava, neste momento, entender os possíveis diálogos entre a rica iconografia indígena e seu emprego no Design, considerando investigar e questionar a prática dos designers e a maneira como se apropriaram da cultura nativa brasileira. Entretanto, com as oportunidades que surgiram, acabei mudando o enfoque de minha pesquisa no início do segundo semestre e propondo um outro objeto de estudo, mais adequado ao momento em que me encontrava.

O acaso deu-se na defesa de mestrado de meu co-orientador do projeto de conclusão, prof. José Francisco Nogueira, que dissertou sobre os grafismos das cestarias dos Guarani M'bya do Estado do Rio de Janeiro (Nogueira, 2005). Para a ocasião eu havia desenvolvido, a partir de suas análises sobre os grafismos, animações análogas àquelas desenvolvidas por mim em meu projeto de conclusão. Ao fim da defesa, fui convidado pelo Dr. Armando Martins de

¹ No estudo, intitulado “Grafismo indígena: compreendendo a representação abstrata na pintura corporal Asurini”, concluí, através das análises das formas dos padrões, que estes grafismos nada mais são do que a síntese geométrica de elementos da natureza, processo que interessa aos designers como uma técnica para auxiliá-los na criação.

Barros, que participou da banca avaliadora da defesa de mestrado, a conhecer alguns dos Guarani das aldeias da região de Paraty e Angra dos Reis. Em contrapartida, eu deveria auxiliar na produção dos cadernos paradidáticos para o Projeto de Escolarização dos agentes de saúde indígenas, do qual ele era coordenador. Assim, a partir da primeira visita ao Projeto, em julho de 2005, resolvi direcionar minha pesquisa de mestrado para tratar da participação do designer no processo de formação de escritores e leitores de cultura indígena (no sentido do desenvolvimento da tecnologia do ler e escrever em língua portuguesa com vistas ao letramento, ou a aquisição do estado ou da condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando práticas sociais que a demandam, no caso específico, práticas sociais vinculadas a área da Saúde) e, conseqüentemente, da inserção do Design, enquanto campo de vocação interdisciplinar, em projetos em que há a predominância do hibridismo, da mescla de vozes, da mescla de identidades.

Portanto, a presente pesquisa baseia-se em minhas observações dos encontros presenciais do Projeto de Escolarização dos agentes de saúde promovido pela FUNASA no distrito de Patrimônio, em Paraty, e em Praia Brava, em Angra dos Reis. As observações foram feitas ao longo de quatro encontros com dois dias de duração, ministrados nos meses de junho e de setembro do ano de 2005 e nos meses de maio e junho de 2006. Neste período, pude dialogar com os diversos participantes envolvidos, agentes de saúde indígenas, professores Guarani, professores não índios, monitoras do curso, enfermeiras e membros da equipe organizadora.

A princípio, por saber que os alunos pertenciam à etnia Guarani, minha expectativa era encontrar um grupo totalmente diferente de minha realidade, formando um ambiente completamente exótico para observar. No entanto, ao longo de minhas visitas, e após o contato com alguns textos de antropólogos, notei que minha observação ignorava aspectos importantes para a análise porque desconsiderava questionar os pressupostos de um contexto extremamente familiar para mim: a sala de aula. Minha familiaridade com a sala de aula vem das experiências que tive dentro de diversas instituições de ensino, do jardim de infância à pós-graduação, passando por outros tipos de curso como Artes, Música e Esportes. Esta familiaridade contempla também os diversos papéis ocupados, por conta das experiências acumuladas como aluno, monitor, professor e, mais recentemente, como conteudista para um curso de educação a distância.

Entretanto, observar o familiar não é uma tarefa fácil, pois, na medida em que estamos familiarizados com determinado contexto, torna-se difícil alcançar o estranhamento necessário para desenvolver uma análise mais

profunda. Por isso, o contato com a Antropologia e em especial com a prática etnográfica pode se apresentar útil ao pesquisador que deseja escapar de uma observação superficial.²

Oliveira (1998) afirma que para desenvolver uma etnografia é preciso um olhar educado que permita ao pesquisador observar as situações que se apresentam. O estranhamento deve estar presente no difícil exercício de olhar como também no exercício de ouvir e escrever.³

Uma alternativa para solucionar o impasse em relação ao familiar está no esforço de transformá-lo em exótico, para haver o chamado “estranhamento” do objeto de estudo. Da Matta (1978) afirma que tanto para o antropólogo que estuda o exótico, quanto para aquele que pesquisa em contextos que lhe são familiares, fazem-se necessários os movimentos de transformar o exótico em familiar e de transformar o familiar em exótico.

No entanto, é preciso cuidado para não fazer esse familiar parecer simplesmente estranho e desconexo, e tampouco para não aproximar o exótico, tornando-o familiar a ponto de “naturalizá-lo” e deixar, conseqüentemente, de captar as “regras do jogo”. Por um lado, para relativizar o ponto de vista, é preciso buscar compreender a lógica presente nas relações observadas através da perspectiva do nativo em contraste com a perspectiva do pesquisador. Por outro lado, não podemos perder de vista que esta compreensão, por mais acertada que seja, será sempre uma interpretação, pois como define Geertz (1989), a etnografia constitui-se como um trabalho de natureza *interpretativa*.

No início, minhas primeiras observações sobre o Projeto de Escolarização dos Agentes de Saúde indígenas remetiam diretamente às minhas compreensões e expectativas sobre “o que é” e “o que deve ser” uma sala de aula. Boa parte das imagens que constituem a noção de escola estava evidente para mim, como as relações de professores e alunos, a disposição do espaço físico, os processos de aprendizado, os materiais utilizados e outros fatores. Acredito, assim, que não apenas eu, mas qualquer observador com considerável experiência escolar, poderia reconhecer naquele ambiente as características da sala de aula que lhe eram familiares, apesar das peculiaridades.

Ilustro a ponderação, retomando o primeiro momento da observação, quando apenas o exótico saltava aos olhos, quando tudo aquilo que era diferente era observado, quando eu ainda não considerava refletir sobre aquela estrutura. Isso me levava a observar numa perspectiva naturalizada

2 A problemática colocada do familiar pode ser conferida na obra de Velho (1978)

3 Olhar, ouvir e escrever constituem diferentes etapas do trabalho etnográfico, segundo Oliveira (1998)

concluindo antecipadamente que se “fulano é *mau aluno, não presta atenção na aula*” sem questionar o que se espera de um “bom aluno” naquele contexto específico. Pelo mesmo viés, observava que “a turma *não gosta de resolver os exercícios no caderno*” sem buscar compreender os gostos ou motivos para tal. Também constatava antecipadamente que “beltrano *não participa da aula, fica muito calado e não responde ao professor*”, sem buscar uma compreensão sobre este tipo de manifestação frente a cultura em questão.

Do primeiro momento ao atual, em que apresento as considerações da presente pesquisa, dois anos se passaram e do contato com conceitos da Antropologia e com questões referentes não ao design do livro, mas ao Design da Leitura (Farbiarz e Farbiarz, 2005), optei por tomar a presente dissertação de mestrado como um exercício etnográfico. Sob este prisma, estabeleci para mim um desafio em relação a “sala de aula” do Projeto de Escolarização dos Agentes de Saúde; exigi de mim mesmo uma mudança de olhar sobre este ambiente. Busquei um olhar questionador e desnaturalizado, na procura dos significados presentes nas relações. Neste sentido, eu deveria não apenas perceber as diferenças e peculiaridades que caracterizam este curso de outros, mas buscar compreender as diferenças também naquilo que parece ser semelhante, que parece familiar, em suma, eu deveria estranhar este familiar.

Da mesma forma como me propus observar a sala de aula Guarani, considerei igualmente importante buscar o estranhamento em relação ao Design, enquanto prática e enquanto disciplina. Ao partir de um campo teórico ao qual estou familiarizado, julguei pertinente estabelecer um afastamento crítico das referências teóricas que fundamentam este campo, na tentativa de definir de maneira mais precisa que prática é esta que chamamos de Design, e como ela pode ser utilizada para a aquisição da leitura e da escrita.

Como consequência deste afastamento, estudamos o Design do Livro pelo viés dos conceitos que definem a prática do Design, considerando algumas teorias que tratam da recepção e das diferentes mediações. Diante desta proposta, não me pareceu pertinente levantar e analisar a forma dos materiais didáticos empregados, na medida em que já existam trabalhos que propõem uma abordagem similar. Desta forma, acreditei que elaborar um estudo com um teor similar pouco acrescentaria ao campo, e optei, portanto, pelo desenvolvimento de meu estudo nas fronteiras do Design com outras disciplinas, como a Comunicação, a Teoria Literária, a Sociologia, a Antropologia e a Educação, com o intuito de discutir as referências que constituem o discurso de alguns designers e formar os parâmetros para tais análises sobre a forma.

A escolha e delimitação do objeto de estudo, assim como conclusões que apresento aqui foram fortemente influenciadas pelo meu envolvimento com o Núcleo de Estudos do Design do Livro (NEL). As atividades realizadas no núcleo de pesquisa tanto pautaram as escolhas das referências utilizadas, quanto permitiram o entendimento sobre o Design da Leitura, através de uma perspectiva que considera a recepção e as mediações. Consideramos para este estudo muitas das noções empregadas por Chartier, assim como as discussões realizadas nos grupos de trabalho do colóquio “Chartier: apropriações de um pensamento no Brasil” em 2005, pela PUC-Rio e UFRJ.

A partir destas discussões, consideramos que muitas das dificuldades ligadas ao aprendizado remetem à dificuldade de apropriação dos conteúdos, entendendo esta apropriação como a capacidade de instrumentalizar o conhecimento no cotidiano do indivíduo. Portanto, constatamos que o distanciamento entre os conteúdos e o contexto dos aprendizes pode se tornar um empecilho no processo de apropriação.

Por este viés, abordamos neste estudo os problemas relativos à inserção do objeto livro dentro da cultura Guarani, que tradicionalmente privilegia a linguagem oral. As dificuldades de recepção do livro como objeto de outra cultura, normalmente concebido e confeccionado por estrangeiros, implicam a aquisição de uma nova prática social: a leitura. Diante disso, problematizamos a ação do designer: como pensar o design do livro, considerando a recepção por um grupo de leitores, com suas características culturais, sociais e subjetivas?

A questão propõe que o designer, como mediador da leitura, pertence a uma cultura diferente de seu público. Neste sentido esta pesquisa pretende investigar como o designer pode participar do processo de aquisição e prática de leitura e escrita, sem desconsiderar as questões vinculadas à identidade cultural. Para tanto, partimos da hipótese de que o conhecimento mais aprofundado sobre o leitor e a leitura (aspectos culturais, sociais e subjetivos) permite ao designer uma melhor avaliação da situação de projeto e, conseqüentemente, facilita a recepção do livro pela comunidade através da forma como este objeto dialoga com a cultura do leitor.

A dissertação está dividida em três partes. Na primeira parte, situada no capítulo 2, apresentamos as referências teóricas que nortearam esta pesquisa. Nesta seção abordamos os conceitos relativos à cultura escrita, autoria, recepção e suportes de leitura, através dos estudos de Havelock, Gandelman, Fish e Chartier, entre outros.

Na segunda parte, formada pelos capítulos 3 e 4, apresentamos uma descrição do Projeto de Escolarização dos

agentes de saúde. Nesta parte do trabalho nos guiamos por Barros, Geertz, Morel, Oliveira e Velho. O capítulo 3 discorre sobre os Guarani, a demanda por agentes de saúde indígenas, a proposta e estrutura do projeto e as personagens envolvidas no curso. O capítulo 4 apresenta as observações sobre os encontros presenciais, através do exercício etnográfico sobre a sala de aula.

A terceira parte busca situar a discussão dentro do campo do Design. Nela discutimos a prática do Design através dos discursos que a definem. Neste sentido, o capítulo 5 busca compreender a formação da identidade do designer e e seu papel como agente cultural. Para tanto, observamos o discurso de Ruskin e suas conseqüências no Brasil, consideramos também o impacto da ação do designer no campo da tradição cultural. Nesta reflexão recorremos a Cabral, Niemeyer e Teixeira assim como aos estudos de Bourdieu, Elias, Geertz. e Wolff. Em seguida, discutimos nossa abordagem na experiência da produção de um material para a prevenção de AIDS/DST pela Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, voltado para o uso dos agentes de saúde indígenas nas aldeias Guarani.

No capítulo 6 tratamos das considerações para o Design do Livro, buscando compreender as noções sobre o leitor empregadas no campo do Design. Por este viés, observamos o discurso considerado ainda predominante no campo do Design sobre a forma de organização da informação baseado na teoria da Gestalt, em contraste com outras teorias que consideram a linguagem como formadora da percepção e a cultura como mediadora do olhar. Para isso utilizamos as noções empregadas por Fish e Chartier, entre outros. Também neste capítulo, apresentamos o Design da Leitura, como proposta que considera o papel do designer como mediador da leitura em diferentes suportes, e conseqüentemente, como um profissional que deve estar atento às características das possibilidades de recepção do objeto no contexto onde esta leitura se realiza.